



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

PALÁCIO DA ALVORADA, BRASÍLIA, DF, 7 DE OUTUBRO DE 2002

Concluída a apuração da votação, conversei com o Ministro Jobim, Presidente do Tribunal Superior Eleitoral, e ele reafirmou-me que não há mais possibilidade de alteração quanto à questão do segundo turno. Falta a apuração de muito poucos votos. E esses votos, ainda que somados para um só candidato, já não alterariam mais a distribuição de votos. Quer dizer, nós vamos ter um segundo turno nas eleições presidenciais.

Mas o importante, em primeiro lugar, é assinalar o seguinte: eu acho que o exemplo do povo brasileiro, votando como votou – um ou outro problema, uma ou outra demora são quase nada, comparados com o passado –, realmente, foi um êxito muito grande, não só do Tribunal Eleitoral; o fato de que conseguimos, efetivamente, implantar esse sistema de voto eletrônico, através da urna eletrônica, é muito positivo.

E acho que isso demonstra a maturidade do nosso país, técnica e competência jurídica. O Tribunal levou as eleições seguindo as normas legais e com absoluta independência.

A verdade é que a campanha se desenvolveu bastante a contento. O resultado aí está. Não cabe ao Presidente da República julgar, senão que

respeitar resultados eleitorais. Vamos ter um segundo turno. Vamos ter, espero, uma campanha, no segundo turno, com as mesmas características de debate, de discussão de idéias.

Nós vimos também que, na verdade, pelos resultados apurados até agora, a distribuição, em cada estado, dos partidos é muito variável. É prematuro fazer um balanço, porque não se sabe ainda, dado o número de situações nas quais haverá segundo turno. Não se sabe, efetivamente, qual vai ser a distribuição político-partidária, no Brasil, através dos vários estados.

Mas pode-se dizer, com certeza, que é uma coisa muito positiva. Não há monopólio de poder político por parte de nenhum partido, há os partidos que têm maior presença. Mas nós só vamos ver a confirmação dessa presença no segundo turno.

Uns tantos já ganharam no primeiro turno, mas ainda há uma boa parte que vai depender de um novo escrutínio. Portanto, qualquer análise a esse respeito é prematura.

Já se sabe, com mais certeza, que o Senado da República, embora tenha sofrido modificações importantes, de pessoas que mudam – isso é normal no processo democrático –, nele também haverá uma distribuição bastante razoável entre os vários partidos. Partidos que tinham menor expressão eleitoral e, portanto, menor representação no Senado, que é uma Casa importante, federativa, vão ganhar mais representação.

E haverá, também aí, uma distribuição que vai levar a um debate rico e à necessidade daquilo que qualquer país democrático e diferenciado, como é o caso do Brasil, se impõe, e eu me orgulho de ter sido um dos maiores defensores dessa idéia, quando fui candidato e quando ganhei a Presidência da República: formar alianças que permitam, efetivamente, a governabilidade.

Essa questão não tem a ver com inclinações ideológicas, tem a ver com a necessidade de dar condições ao País para avançar, através da formação de governos que tenham capacidade de processar as suas propostas, por meio dos mecanismos constitucionais, no Senado e na Câmara.

É cedo para saber, eu não disponho, ainda, de um quadro sobre a posição da Câmara, mas, provavelmente, também a Câmara vai refletir essa diversidade.

Mais ainda: nós sabemos que, no caso brasileiro, essa diversidade não se restringe à questão das siglas partidárias, porque, na mesma sigla, há tendências e, muitas vezes, as pessoas, infelizmente, mudam de sigla com muita velocidade. É difícil, realmente, aquilatar o que significa a eleição só pelo nome de uma sigla. É preciso ver quais são, realmente, os compromissos que essas pessoas têm, nas várias siglas.

Quero dizer que me apraz muito ter verificado que, com exceção, infelizmente, do Senador Artur da Távola, que é um dos melhores senadores da República, que não conseguiu sua reeleição, no Rio de Janeiro, os líderes do Governo foram todos reeleitos, com votações bastante expressivas. E, quando não foram reeleitos para o Senado ou para a Câmara, é porque estavam em disputa governamental e se situaram bem.

Eu sempre fui muito grato ao Congresso, nesses anos todos de mandato em que o Congresso cooperou para que pudéssemos ter introduzido tantas mudanças quanto as que introduzimos no Brasil. E vejo, agora, que aqueles que me ajudaram a fazer com que essas mudanças já estejam corporificadas na nossa legislação receberam o aval do eleitorado e tiveram, todos, uma votação muito expressiva. Também os que serviram ao Governo como ministros tiveram a mesma retribuição popular, com votações muito expressivas. Não houve nenhum caso de alguém que tivesse sido derrotado nas urnas.

Agora, o importante é daqui para frente. O importante é que nós mantenhamos o espírito democrático, que nós mantenhamos a nossa capacidade de, ao discordarmos, ao termos embates partidários, nunca perder de vista o interesse público, a compostura, para que a campanha continue como foi essa primeira etapa, sem que ela vá para agressões de nível pessoal e que, progressivamente, as propostas se possam caracterizar com mais nitidez.

A razão do segundo turno é precisamente essa. Dado que nenhum candidato obtenha uma maioria da população, que diga “eu posso governar porque tenho maioria absoluta”, isso significa que a população

precisa ter mais esclarecimentos. Espero que, nessa segunda etapa, seja possível colocar com mais clareza as propostas, porque vamos discutir caminhos para o Brasil. Não podemos pensar que um jogo eleitoral seja simplesmente um jogo de escolha entre pessoas, qualidades das pessoas. Contam, sem dúvida, as qualidades das pessoas, mas também o que elas representam. Representam forças, todas elas legítimas, forças sociais, forças políticas, forças econômicas e, sobretudo, elas têm projetos para essas forças, o que vão fazer com o nosso país, qual é o caminho que se vai apontar para o nosso país.

Creio que agora está dada a condição para que esse debate seja realmente definido, para que o eleitor, ao votar, saiba o que vai acontecer com ele próprio com o decorrer do tempo, em vista das políticas concretas que vão ser afirmadas pelos candidatos.

Mas tenho certeza de que os dois candidatos – Luiz Inácio Lula da Silva e José Serra – têm capacidade de expor as suas idéias e não vão furtrar o País desse enorme interesse que temos em saber, realmente, o que pensam, o que vão fazer com o País. Para isso será o segundo turno. E tenho certeza de que nós todos vamos nos beneficiar dos debates que venham a ser travados.